

Amandino Teixeira Nunes Junior

Bacharel em Direito pela Unidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG), mestre em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), doutor em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), doutor em Ciência Política pela Universidade de Brasília, professor universitário e consultor legislativo da Câmara dos Deputados.

A Philia no pensamento
de Aristóteles: uma leitura
da Ética a Nicômaco

Resumo

O presente artigo pretende analisar o conceito de amizade (*philia*) desenvolvida por Aristóteles nos Livros VIII e IX da *Ética a Nicômaco*. Segundo o filósofo grego, na vida ninguém pode ser feliz sem amizade. A *philia* aristotélica é apresentada como indispensável para a boa convivência humana e para a realização da felicidade (*eudaimonia*). O assunto é examinado em três principais abordagens. A primeira trata do tema da amizade como objeto de reflexão da filosofia grega exposto por Francisco Ortega. A segunda analisa a amizade como virtude central na ética aristotélica, destacando as diferentes espécies de amizade e a relação entre amizade, justiça e felicidade. A terceira (e última) discute as constituições e amizades nas relações familiares.

Palavras-chave

Palavras-chave: ética; política; virtude; amizade; felicidade.

Abstract

This article aims to analyze the concept of friendship (philia) developed by Aristotle in Books VIII and IX of the Nicomachean Ethics. According to the Greek philosopher, in life no one can be happy without friendship. The Aristotelian philia is presented as essential for good human relations and the achievement of happiness (eudaimonia). The subject is examined in three main approaches. The first deals with the theme of friendship as an object of reflection of Greek philosophy as presented by Francisco Ortega. The second looks at friendship as a central virtue in Aristotelian ethics, highlighting the different kinds of friendship and the relationship between friendship, justice and happiness. The third (and last) discusses the constitutions and friendships in family relationships.

Keywords

Keywords: ethics; politics; virtue; friendship; happiness

1. Introdução

Ética a Nicômaco, obra em que se fundamenta o presente estudo, compõe-se de dez livros. O título indica o assunto: ética, do grego *ethikos*, que, segundo Denis Huisman, “[...] designa as concepções morais nas quais um ser humano tem fé”.¹

O tema central da obra aristotélica é a felicidade, considerada o bem supremo. Aristóteles escreve sobre conceitos que estão relacionados com a felicidade, tais como amizade, amor, liberdade, justiça, bondade, prudência, entre outros, valorizando sobretudo a amizade.

Assim é que, dos dez livros que compõem *Ética a Nicômaco*, dois – Livros VIII e IX – são dedicados exclusivamente à amizade. Nenhuma outra virtude merece tanto espaço na obra de Aristóteles, o que mostra a importância que o tema tinha para o filósofo grego. A *philia* aristotélica é apresentada como indispensável para o bom convívio humano e chega a ser tida como condição para a realização da natureza e da felicidade humanas. Nesse contexto, a amizade é causa, requisito e consequência de uma vida virtuosa; é condição necessária da relação Ética e Política.²

Com efeito, no Livro VIII de *Ética a Nicômaco*, Aristóteles apresenta a amizade como virtude, identificando-a como uma relação fundamentada no bem, na solidariedade e na reciprocidade e apresentando o homem como um ser político por natureza. Temos, assim, a amizade, a justiça e a felicidade como pilares da sociedade.

A amizade em Aristóteles é um bem supremo, um valor que nos conduz à felicidade (*eudaimonia*) - vivência da plenitude humana, mediada com amigos bons e vida contemplativa.

2. Amizade como tema da filosofia grega

Como salientado, Aristóteles, na sua obra, *Ética a Nicômaco*, dedica dois Livros à amizade - VIII e IX, o que mostra a importância significativa que a sociedade grega dava ao tema, diferentemente das sociedades modernas. Na polis, as relações de amizade desempenhavam um papel considerável.

Daí por que Platão também examina filosoficamente a *philia*, apresentando-a numa perspectiva ontológica e pretendendo alcançar o ideal da

1 HUISMAN, Denis. Dicionário de obras filosóficas. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 209.

2 O tema da *philia* abordado na obra de Aristóteles insere-se na área do conhecimento das ciências práticas, compostas pela Ética e pela Política, cuja finalidade é buscar o saber em função de uma conduta moral apropriada para o indivíduo, enquanto sujeito moral e membro da comunidade política, isto é, da polis. Na Ética e na Política uma é condição para a outra e ambas têm como finalidade a realização da felicidade (*eudaimonia*).

amizade perfeita (*proton philon*), que seria realizável no *Mundo das Idéias*, como deixa assentado Francisco Ortega.³

Segundo o autor, Platão discute a amizade diretamente em três dos seus principais diálogos: no *Lísias*, no *Banquete* e no *Fedro*. Toda a discussão platônica da amizade liga-se à sua reflexão sobre o amor, na procura de dotar o amor dos rapazes (*paidikon Eros*), de uma forma moralmente aceitável na *polis*. A *philia* erótica proposta por Platão é parte constitutiva do processo de reflexão filosófica. Eros seria assim a força que conduz a *philia* necessária para a Filosofia.

Conforme Francisco Ortega, as comunidades filosóficas são constituídas de um grupo de amigos num ambiente de amor sublimado, de *amor-philia*.

3. Amizade como virtude

Aristóteles inicia o Livro VIII de *Ética a Nicômaco* afirmando que “[...] depois do que dissemos, segue-se naturalmente uma discussão da amizade, visto que ela é uma virtude ou implica virtude, sendo, além disso, sumamente necessária à vida. Porque sem amigo ninguém escolheria viver, ainda que possuísse todos os outros bens”.⁴

Assim, para Aristóteles, o homem sumamente feliz necessita de amigos – e amigos virtuosos. A amizade é um bem com valor intrínseco, imprescindível para alcançar a felicidade (*eudaimonia*).

Para Aristóteles, a amizade, como virtude, “[...] também ajuda os jovens a afastar-se do erro, e aos mais velhos, atendendo-lhes às necessidades e suprimindo as atividades que declinam por efeito dos anos. Aos que estão no vigor da idade ela estimula a prática de nobres ações, pois na companhia de amigos – dois que andam juntos – os homens são mais capazes tanto de agir como de pensar”.⁵

Além disso, “[...] a amizade também parece manter unidos os Estados, e dir-se-ia que os legisladores têm mais amor à amizade do que à justiça, pois aquilo a que visam acima de tudo é à unanimidade, que tem ponto de semelhança com a amizade; e repelem o faccionismo como se fosse seu maior inimigo. E quando os homens são amigos não necessitam de justiça, ao passo que os justos necessitam também da amizade”.⁶

3 Com efeito, uma análise da *philia* em Platão, caracterizando-a como uma reflexão que permeia a totalidade do corpus platônico à procura da verdade, pode ser encontrada em: ORTEGA, Francisco. *Genealogias da Amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002, p. 25-36.

4 ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Coleção Os Pensadores, trad. de Vincenzo Cocco et al. São Paulo: Abril Cultural, 1984, VIII, 1, 1155a, p. 179. Nas próximas citações, vamos nos referir a essa tradução e usaremos a sigla EN.

5 EN, VIII, 1, 1155a, p. 179

6 EN, VIII, 1, 1155a, p. 179.

Aristóteles considera a amizade como virtude soberana em relação às outras virtudes, pois é a única que não necessita da justiça, pois a amizade em si é justa, daí o sentido político da amizade. Nesse diapasão, a concórdia e o bem-comum em sociedade são fundamentos para a amizade, pois para que esta exista tem que haver convivência. A amizade é imprescindível para que o homem se realize como indivíduo e em sociedade.

4. Espécies de amizade

No pensamento aristotélico exposto na *Ética a Nicômaco*, há três diferentes espécies (ou formas) de amizade. Vale dizer, as pessoas amam por três razões.

Escreve Aristóteles: “[...] *Ora, essas razões diferem uma das outras em espécie; portanto, é em espécie que diferem também as correspondentes formas de amor e de amizade. Há assim, três espécies de amizade [...] Os que se amam por causa de sua utilidade não se amam por si mesmos, mas em virtude de algum bem que recebem um do outro. Idêntica coisa se pode dizer dos que se amam por causa do prazer; não é devido ao caráter que os homens amam as pessoas espirituosas, mas porque as acham agradáveis*”.⁷

Para o filósofo grego, “[...] *amizade perfeita é a dos homens que são bons e afins na virtude, pois esses desejam igualmente bem um ao outro enquanto bons, e são bons em si mesmos [...] O amor e amizade são, portanto, encontrados principalmente e em sua melhor forma entre homens desta espécie*”.⁸

Três são, portanto, as espécies (ou formas) de amizade para Aristóteles: amizade por causa da utilidade, amizade por causa do prazer e amizade dos bons e iguais na virtude – a amizade virtuosa, a melhor e mais duradoura das amizades. Querer o bem do próximo – o amigo – constitui o elemento fundamental da amizade perfeita.

As duas primeiras espécies (ou formas) de amizade são acidentais. A verdadeira e autêntica amizade é entre os homens bons e virtuosos. Por si mesmos, só os homens bons podem ser amigos. Já na amizade baseada na utilidade e no prazer até os maus podem ser amigos uns dos outros, ou até mesmo os bons podem ser amigos dos maus, desde que a amizade traga vantagem.

É o que escreve Aristóteles: “[...] *Dividindo-se, pois, a amizade nessas espécies, os maus serão amigos com vistas na utilidade ou no prazer, e a esse respeito se assemelharão um ao outro; mas os bons serão amigos por eles mesmos, isto é, em razão da sua bondade. Esses, pois, são amigos no sentido absoluto do termo, e os outros o são acidentalmente e por uma semelhança com os primeiros*”.⁹

7 EN, VIII, 3, 1156a, p. 181.

8 EN, VIII, 3, 1156b, p. 181-182

9 EN, VIII, 3, 1157b, p. 183.

Há, ainda, segundo Aristóteles, outra espécie de amizade: “[...] a que envolve uma desigualdade entre as partes, como a de pai para filho e, em geral, de mais velho para mais jovem, a de marido para mulher e, em geral, de governante para súdito”.¹⁰ Trata-se, pois, da amizade entre desiguais que é, em geral, a amizade entre quem manda e quem obedece.

5. Relação entre amizade, justiça e felicidade

Em *Ética a Nicômaco*, Aristóteles parece estreitar a relação entre amizade e justiça, já que esses conceitos “[...] parecem dizer respeito aos mesmos objetos e manifestar-se entre as mesmas pessoas. Com efeito, em toda comunidade pensa-se que existe alguma forma de justiça, e igualmente de amizade”.¹¹

Nesse diapasão, “[...] as imposições da justiça também parecem aumentar com a intensidade da amizade, o que implica que a amizade e a justiça existem entre as mesmas pessoas e são coextensivas”.¹²

Ao comparar a amizade com a justiça, Aristóteles assinala que a amizade é mais necessária e importante, pois os inimigos e adversários podem ser justos entre si, mas a concórdia e a comunhão só podem coexistir com a amizade e o amor. Assim sendo, “[...] quando os homens são amigos não necessitam da justiça, ao passo que os justos necessitam também da amizade; e considera-se que a mais genuína forma de justiça é uma espécie de amizade”.¹³ Pode-se dizer que Aristóteles considera a *philia* uma forma mais elevada de justiça, já que quando há amizade a justiça se faz desnecessária.

A amizade e justiça revelam-se, no pensamento aristotélico contido em *Ética a Nicômaco*, numa relação de reciprocidade, pois sem amizade não temos justiça e nem mesmo a felicidade, pois as pessoas amigas são boas, justas e felizes. A amizade é indispensável para que o homem se realize como indivíduo e em sociedade.

Para Aristóteles, a amizade é necessária à felicidade. Ela entra no catálogo das virtudes superiores. De certa forma, a verdadeira felicidade depende da amizade. Ao mesmo tempo, a natureza do homem é ser social, tendo necessidade dos outros para compartilhar seus bens espirituais, ou seja, ser virtuoso e feliz. Os amigos compartilham sua amizade, reunindo-se para beber juntos, jogar dados, associar-se nos exercícios atléticos, na caça ou até mesmo no estudo da Filosofia.¹⁴

¹⁰ EN, VIII, 7, 1157b, p. 186.

¹¹ EN, VIII, 9, 1159b, p. 188.

¹² EN, VIII, 9, 1160a, p. 188.

¹³ EN, VIII, 1, 1155a, p. 179.

¹⁴ EN, IX, 12, 1172a, p. 214.

6. Constituições e amizades nas relações familiares

Aristóteles apresenta três espécies de constituição e igual número de desvios ou perversões. Assim, “[...] as constituições são a monarquia, a aristocracia, e em terceiro lugar a que se baseia na posse de bens e que seria talvez apropriado chamar timocracia, embora a maioria lhe chame governo do povo. A melhor delas é a monarquia, e a pior é a timocracia”.¹⁵

Para o filósofo grego, “[...] a monarquia degenera em tirania, que é a forma pervertida do governo de um só homem, e o mau rei converte-se em tirano. A aristocracia, por seu lado, degenera em oligarquia pela ruindade dos governantes, que distribuem sem equidade o que pertence ao Estado [...] A timocracia, por seu lado, degenera em democracia. Ambas são coextensivas, já que a própria timocracia tem como ideal o governo da maioria, e os que não têm posses são contados como iguais aos outros.”¹⁶

Para assinalar o sentido político da amizade, Aristóteles apresenta uma analogia das constituições com as amizades nas relações familiares. Assim, “[...] a amizade de um pai com seus filhos tem a forma de monarquia, visto que o pai zela pelos filhos. Aí está por que Homero chama a Zeus de ‘pai’; e o ideal da monarquia é ser uma forma paternal de governo [...] A amizade entre marido e mulher, por outro lado, é a mesma que se observa na aristocracia, já que está de acordo com a virtude: o melhor recebe o maior quinhão de bens e cada um recebe o que lhe compete”.¹⁷

Por sua vez, “[...] a amizade de irmãos é como a de camaradas, porquanto são iguais e próximos uns dos outros pela idade; e tais pessoas, em geral, assemelham-se nos sentimentos e no caráter. E também é semelhante a esta a amizade apropriada ao governo timocrático; pois numa tal constituição o ideal é serem os cidadãos iguais e equitativos”.¹⁸

Portanto, a amizade dos pais com os filhos, para Aristóteles, é comparada com a monarquia que é, para ele, a melhor forma de governo. Já a amizade do marido com a mulher é comparada com a aristocracia, que é o governo de poucos que governam, tendo em vista o que é útil e agradável a todos. Finalmente, a amizade entre irmãos é comparada com a timocracia, que é o governo da maioria, em que os que não possuem bens são considerados politicamente iguais aos outros. Portanto, a amizade e a justiça dependem de cada constituição, de cada forma política, sempre de acordo com a teleologia respectiva.

Assim é que, nos desvios ou nas formas pervertidas de governo (monarquia – tirania; aristocracia – oligarquia; timocracia – democracia), a amiza-

15 EN, VIII, 10, 1160b, p. 189.

16 EN, VIII, 10, 1160b, p. 189.

17 EN, VIII, 10, 1160b, p. 190.

18 EN, VIII, 10, 1161a, p. 190.

de e a justiça acabam praticamente excluídas, mormente na tirania porque nada une o governante – o tirano – aos seus governados.

7. Conclusão

O homem é um ser político e está em sua natureza o viver em sociedade. Assim, para ser feliz, o homem necessita de amigos, que precisam ser virtuosos. Tanto na situação de prosperidade como na situação de adversidade os amigos devem ser procurados. A presença de amigos deve ser desejável em todas as circunstâncias.

Na *Ética a Nicômaco*, como bem ressalta Denis Huisman, “[...] a amizade, designada como amor com a palavra *philia*, é uma virtude essencial; é sobre ela que repousa de algum modo a salvação do homem ou, pelo menos, sua felicidade; a amizade poupa erros, impele a belas ações, constitui a força dos dois amigos.”¹⁹

Aristóteles localiza a comunidade na base da *philia*, estendendo as relações de amizade à totalidade das relações humanas, incluindo formas de parentesco e vínculos de cidadãos na polis. O conceito e o sentido da amizade são determinados desde a perspectiva de uma vida comunal.

A amizade perfeita, virtuosa, de que fala Aristóteles, só surge nas relações entre cidadãos ocorrentes na comunidade política – isto é, na *polis*. É a amizade cívica ou política (*politike philia*), definida pela concórdia, que cria condições para florescer entre os homens a *philia* aristotélica, isto é, os amigos virtuosos são escolhidos na qualidade de amigos cívicos, como membros de uma comunidade. Graças a ela todos os cidadãos podem afirmar estarem vivendo uma vida boa e virtuosa na procura do bem comum.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Coleção Os Pensadores, trad. de Vincenzo Cocco et al. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

HUISMAN, Denis. Dicionário de obras filosóficas. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ORTEGA, Francisco. *Genealogias da Amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

19 HUISMAN, Denis. Dicionário de obras filosóficas. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 210.